

O conceito de Bioética como *Ética-da-vida* ou *Aionética*¹

Ursino Neto

*Ninguém poderá construir em teu lugar
as pontes que precisarás passar
para atravessar o rio da vida,
ninguém exceto tu, somente tu.*
(Friedrich Nietzsche, *Schopenhauer educador*)

*No caminho, antes, a gente precisava
De atravessar um rio inventado.
Na travessia o carro afundou
E os bois morreram afogados.
Eu não morri porque o rio era inventado.*
(Manoel de Barros, *Exercícios de ser criança*)

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 Resgate histórico do conceito de formação humana
- 3 A crítica de Friedrich Nietzsche como reviravolta conceitual
- 4 O desafio de produzir o conceito de um saber relacionando vida e ética no contemporâneo
- 5 Considerações finais

1 Considerações preliminares

Bioética é um neologismo inventado por Van Potter², uma palavra proveniente e difundida a partir do ambiente acadêmico universitário norte-americano no início dos anos de 1970 para designar um novo saber.

No seu conteúdo, distintos significados foram postos expressando valores diversos que se materializaram no ensino de graduação e de pós-graduação nos mais variados cursos ao redor do mundo, principalmente, na área da saúde.

O que significa bioética? Geralmente, o significado de um termo é o que se designa ou se expressa na linguagem dizendo respeito aos signos presentes nele.

Sendo assim, por justaposição, bioética indica a perspectiva e o valor da relação entre *vida e ética*.

¹ Texto didático 4 (Graduação 2022.2): uma referência para produzir o exercício ético da experiência de si ou PensArteCorpo.

² Cf. O texto didático 3: *A genealogia do conceito Bioética e o desafio contemporâneo*.

Ética é um saber originário da cultura grega clássica cuja dimensão se constitui por dois polos inter-relacionados: o *Ethos* e o *ethos*. O primeiro *Ethos* é um pertencimento à interioridade (genitivo subjetivo, indicando a ética como o modo de ser, o caráter etc.) e o segundo *ethos* é um pertence da exterioridade (genitivo objetivo, interpretado como moral, ou seja, os costumes, os hábitos culturais etc.).

Então, a denominação adequada à maioria das correntes tradicionais de pensamento da bioética seria biomoral porque elas se definem como sendo um saber atuante no conflito entre a aplicação da biotecnologia e a moral relativa à vida.

Os valores morais são constituintes da tradição de cada cultura, enquanto o avanço da tecnociência em biomedicina provoca impacto na sociedade e transforma a vida do indivíduo.

De fato, o conceito originário do saber ético da Grécia clássica constituído no polo da dimensão do *Ethos* foi olvidado nas diversas interpretações de bioética.

Por isso, o módulo de *Bioética e Cidadania* da Faculdade de Medicina/UFC se pôs o desafio de produzir um novo conceito de bioética resgatando do oblívio o que foi esquecido.

Nós nos propomos investigar, pesquisar a dimensão do *Ethos* que na tradição do pensamento bioético está invisível ou, antes, ausente.

De partida, se poderia questionar: como se forma o *Ethos* do ser humano? O caráter do indivíduo, a sua singularidade, o seu modo de ser?

A resposta sucinta indica a família, a religião, os grupos sociais como instâncias relevantes de formação; todavia, todos sustentados pelo campo da educação em seu projeto compreendido e designado como “formação humana”.

O sentido de educação é compreendido do latim. Duas palavras expressam a sua origem etimológica: *educere* e *educare*.

A mais conhecida, *educere*, é uma composição de *ex* e *duco*, significando “fazer sair”, “extrair” que, por extensão, guardava o sentido de “tirar do ventre da mãe”, ou seja, “pôr no mundo”.

Sendo assim, educar é projetar, emular o aprendiz e, conseqüentemente, torná-lo capacitado para o mundo, promover a sua vida.

Já a semântica de *educare* é menos divulgada. Ela se liga ao âmbito da alimentação e destaca o parentesco de *ed* como raiz de *edere*, verbo que indica “alimentar” ou “dar a comida”.

A ideia está associada a um mito, ao nome da deusa romana *Educa*, cuja função era o cuidado com as crianças, ensinando-lhes a alimentar-se, favorecendo o aprendizado da comida, da refeição.

Aqui se compreenderá esta interpretação originária de educar como oportunizar ao(à) estudante a condição da autonomia³, propiciando o salto para a liberdade de fazer-se crescer, de potencializar-se, desenvolvendo o próprio valor da sua formação humana.

A palavra formação, na língua portuguesa, é fruto de uma justaposição: forma como ideia conjugada à ação humana como gesto, como conduta de um ato realizado ou a efetivar; portanto, o seu sentido concerne à dimensão ética.

O objetivo do texto didático é estudar, explorar, pesquisar um novo conceito de bioética como um saber relativo à formação do *Ethos* inserindo a relação entre vida e ética no contexto da formação humana para a vida atualmente.

2 Resgate histórico do conceito de formação humana

O que significa o conceito de formação humana para a cultura ocidental?

Uma resposta coerente só poderá ser obtida realizando uma investigação histórica porque com isso se desvela a *paidéia* grega e com ela a herança ainda hoje marcante na nossa educação.

³ Como sabiamente nos ensinou Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira.

Paidéia é um termo grego para o qual não se tem nas línguas contemporâneas um sinônimo preciso, pois quaisquer palavras empregadas como ensino, pedagogia, educação e até mesmo cultura, poderiam ser interpretadas como insuficientes.

Assim sendo, aqui se manterá a palavra grega originária designando o seu entendimento expansivo e abrangente de formação humana.

Na *paidéia*, “a educação do Homem se constituía de acordo com a sua verdadeira forma, com o seu autêntico ser”⁴. Tal forma expressava o conceito grego de *ideia* significando a projeção, a representação do ser humano em sua validade universal e normativa.

Para os gregos, a essência da educação consistia na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade, da cidade, ou seja, da *polis*. Tratava-se, literalmente, de uma genuína política.

Platão (?428 a.C. – 347 a.C.) foi o primeiro filósofo a sistematizar o conceito de formação humana.

Desde o grego arcaico, a palavra *zoé* designava vida. O étimo correspondia a um espectro amplo abrangendo tanto o fenômeno vida da natureza quanto a vida dos seres em geral (homens, deuses, animais etc.).

Entretanto, para expressar a intenção e a narrativa daquele acontecimento iniciado, instigado e promovido por seu mestre Sócrates (?469 a.C. - 399 a.C.), isto é, o exercício do cuidado da alma interpretando o valor da própria vida, Platão inventou (ou tal invenção foi atribuída a ele) um novo termo conceitual inserido e difundido na cultura grega por intermédio da palavra *bíos*⁵.

O filósofo da Academia o empregou com o sentido de uma *forma de vida* modelo para o *Ethos* do homem com a perspectiva de assinalar a conduta direcionada para atingir o Bem.

A partir de Platão, *bíos* será a vida qualitativamente diferenciada do indivíduo humano que intencionava atingir a “forma perfeita do ser humano” por intermédio da *areté*.

Areté é uma palavra feminina grega; embora, frequentemente, traduzida para o português vindo do latim como virtude. Trata-se de um equívoco, pois no grego a compreensão do vocábulo designa a *excelência*, a *melhor potência do ser* (humano, animal ou deuses).

Assim, o conceito de vida humana foi transformado: do significado de um processo natural de vida (*zoé*) para a compreensão de uma unidade expansiva de sentido, ou seja, uma forma consciente de vida (*bíos*) baseada integralmente no valor interior do homem⁶.

A tradição filosófica clássica, representada em Platão, fundou o saber ético relacionando-o ao conceito de *bíos*, isto é, à forma de vida humana e à perspectiva de transmiti-lo a partir do ensino da *areté*.

Daqui se depreende uma relação originária conjugando o plano da vida com a dimensão do *Ethos*, da forma ou do modo de ser, da educação e do saber.

Entretanto, no desdobrar da história tradicional da filosofia, desde a época dos gregos, o valor da forma de vida passou a ser justificado no campo metafísico, ancorado no peso da verdade.

Na Idade Média, isso ocorreu com o sustentáculo hegemônico da Igreja Católica Romana que imprimiu nesse valor o selo do absoluto com a interpretação da vida como um bem sagrado oriundo da graça, da dádiva benevolente de um Deus criador que se resume na expressão “sacralidade da vida”.

Com o advento da Modernidade, paulatinamente, foi sendo consolidado um acontecimento na cultura ocidental que ficou conhecido na literatura e na filosofia como niilismo.

⁴ Cf. JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 14.

⁵ Nas línguas contemporâneas a palavra *bíos* foi transformada e reduzida a uma corruptela - *bio* - interpretada como vida em geral (por exemplo, *biologia*).

⁶ Cf. JAEGER, W. *Idem*, p. 537.

Nesse contexto, a supremacia da ciência possibilitou um novo paradigma de valor relativo à interpretação da vida humana sendo adverso ao valor teológico da sacralidade da vida.

Com isso, foi instaurado um conflito moral irreduzível.

Entretanto, ainda hoje perdura a força característica da teologia no domínio ou no controle sobre a vida agora investido de um biopoder matizado pela normatização do *status quo*.

3 A crítica de Friedrich Nietzsche como reviravolta conceitual

Ao problematizar a cultura da sua época, Friedrich Nietzsche (1844-1900) se pôs ao avesso da tradição filosófica.

Relembrando, o pensamento ortodoxo estabelecia a forma de vida humana como uma substância que se vai moldando pelo *logos* (pensamento, razão) para atingir um fim idealizado por uma ideia prévia justificada na metafísica.

O filósofo alemão combateu esse modelo de filosofia apresentando a imanência da própria vida como o cerne da sua interpretação, problematizando o oculto no conceito de formação humana da transcendência suprema.

Com isso, se atinge o cerne da justificativa moral da tradição com os questionamentos: que força determinou o valor metafísico da vida, quais os seus interesses escondidos e, sobretudo, qual a relação entre a vida e o valor moral?

Para Nietzsche, a realidade, a cultura, a moral e o próprio “eu” eram relações de força. Consequentemente, o plano existencial da própria vida foi redimensionado como uma referência maior de “transvaloração” de todos os valores, estabelecendo um novo sentido para a humanidade.

Em um dos seus textos mais significativos, ele iniciou *Os discursos de Zaratustra*⁷ no capítulo intitulado *Das três transformações* escrevendo: “Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se converte em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança. (...) O espírito de carga sobrecarrega-se de todas estas coisas pesadíssimas; e à semelhança do camelo que corre carregado pelo deserto, assim ele corre pelo seu deserto. (...) que falta faz o leão no espírito? Não será suficiente a besta de carga, que abdica e venera? Criar valores novos é coisa que o leão ainda não pode; mas criar uma liberdade para a nova criação, isso pode o poder do leão. (...) Para que será preciso que o altivo leão se converta em criança? A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinqueado, uma roda que gira por si mesma, um primeiro movimento, uma santa afirmação. Sim; para o jogo da criação...”.

Para enfrentar a metafísica e o racionalismo clássico, ele buscou alicerce em um pensamento anterior ao modelo da tradição filosófica.

Quem Nietzsche encontrou como fonte de inspiração? O filósofo pré-socrático Heráclito.

Na imagem metafórica do seu texto, a figura poética da “criança-jogo” é um pensamento heraclítico: “O *evo*⁸ [*aión*] é um menino que brinca jogando dados: regime de criança”.

Para sintetizar, em Friedrich Nietzsche a forma de vida do homem é um broto, uma semente a germinar um novo tipo humano denominado *Übermensch* (Além-do-homem) pautado na autossuperação.

Daqui se compreende o principal valor da formação humana relacionado à autenticidade de viver a singularidade da vida, aquela única que se tem na imanência dela própria.

⁷ Cf. NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2007, pp. 37-38.

⁸ Na mitologia órfica, *evo* tem o significado de *Aión*, filho de Cronos, também chamado Dioniso.

4 O desafio de produzir o conceito de um saber relacionando vida e ética no contemporâneo

Com o mesmo propósito de anteposição ao pensamento filosófico tradicional e seguindo na trilha de Nietzsche, esta pesquisa identificou em Heráclito uma antecipação do pensamento ético socrático ao escrever: “*Investiguei-me a mim próprio*”.

Heráclito foi o primeiro pensador a meditar sobre o campo ético, pois situou a prudência (*phronesis*) no mesmo patamar da sabedoria (*sophia*), com isso relacionando e fazendo conexão entre o saber e os valores de orientação para a vida humana⁹.

Os textos heraclitianos conservados são compostos de fragmentos. Neles, a forma de escrita tem o estilo aforismático, não se constituindo em uma obra completa elaborada como um sistema, fato recorrente entre os filósofos a partir de Platão.

Ele foi um genial “físico” (filósofo da *Physis*, da Natureza) que contribuiu com uma ideia revolucionária sobre o cosmos, interpretando a realidade como uma transformação infinita e contínua em que todas as coisas brotam, fenecem e retornam.

Heráclito inventou o conceito de tensão entre o arco e a lira como um símbolo da harmonia dos contrários no universo. A natureza é fruto de tensão oposta que se realiza na unidade em que “todas as coisas são um”.

Para o tema que se está pesquisando, a sua meditação de destaque é o Fragmento DK B119: “*Ethos antropoi daímon*” cuja tradução se escreve: “O caráter (*Ethos*) é o *daímon* do homem”¹⁰.

Melhor se manter o termo *daímon* em grego, pois a tradução em “demônio” resulta em significado errôneo ao se associar imediatamente o pensamento àquela figura vulgarizada no catecismo dogmático religioso.

Daímon é um termo indo-europeu antigo, procedente da mística oriental órfico-pitagórica. Tratava-se de um ser de procedência divina que se instalava nos corpos humanos. Para aquela tradição, o *daímon* ao se conjugar com a alma garantia a imortalidade dela.

O aforisma de Heráclito ultrapassa a tradição órfico-pitagórica, pois a sua interpretação negava a entidade divina do *daímon* ao fazer dele um componente, um constituinte do caráter, do modo de ser humano: o seu próprio *Ethos*.

O desafio agora não é só compreender essa narrativa grega da produção “subjéctiva ética” do ser humano articulada nos conceitos de *areté*, de *Ethos* (e também *ethos*), de *daímon* e a seguir acrescentar o conceito do *aión*; mas, sobretudo, atualizá-la para torná-la efetiva no nosso cotidiano.

Para isso se parte da referência contemporânea de neurobiologia evolucionária e clínica na perspectiva de António Damásio e se fará um breve cotejo com a interpretação histórico-filosófica de “subjéctividade” grega e latina em Michel Foucault e Hanna Arendt, respectivamente.

António Damásio, neurologista português que trabalha e leciona nos EUA, define o “erro de Descartes” como “a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado; e a substância mental, indivisível, sem volume, sem divisões e intangível, de outro.”¹¹

Este equívoco provém de uma afirmação. Talvez, uma das mais conhecidas da história da filosofia: *penso, logo existo*.

⁹ Cf. JAEGER, W. *Idem*, p. 225.

¹⁰ Cf. VEGETTI, M. *A ética dos antigos*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 124.

¹¹ Cf. DAMÁSIO, AR. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 219.

Ela pode ser encontrada em duas obras de René Descartes (1596-1650): *O discurso do método* (1637), em francês – *Je pense, donc je suis* e em um texto posterior *Princípios de filosofia* (1644), em latim – *Cogito ergo sum*.

Didaticamente, a análise do pensamento cartesiano se desdobra em duas linhas: a primeira concebe o ato de pensar como uma atividade separada do corpo.

Para ele, o pensamento é a coisa pensante, a mente, a coisa meditativa (*res cogitans*); enquanto o corpo é a parte extensa, o organismo, a coisa mecânica (*res extensa*).

A segunda se orienta na direção de explicar o pensamento e ter consciência de pensar como substratos do existir.

Como se deve esperar, a construção da crítica damasiana aplicada a esse modelo não se encontra nas correntes de pensamento da filosofia tradicional, porém está inserida no campo das neurociências, embora ele conheça a obra e defenda o principal opositor do pensamento cartesiano: Bento Espinosa.

A palavra neurociências é utilizada para designar saberes científicos que estudam o sistema nervoso e o cérebro dos seres vivos relacionados a temas diversos como neurociência afetiva, neurociência cognitiva, neurobiologia molecular etc. A sua aplicação destaca um conteúdo articulado de vários conhecimentos entrelaçados.

O estudo deste tópico parte do conceito de valor biológico¹².

Qual o principal valor biológico da vida? A resposta é inequívoca: perseverar vivendo; portanto, viver.

Isto implica uma função da existência do ser vivo adquirida durante a evolução natural também chamada de evolução das espécies.

Aqui essa estratégia é sumarizada preliminarmente com a intenção didática de anunciar as etapas que se seguem: a *regulação da vida* no organismo vivo evoluiu para a manifestação do fenômeno que se denominou *mente*; a mente se estabelece por intermédio de um processo denominado *self*; a evolução biológica do self produziu a *consciência*; esta como um produto do self está em *expansão*.

Em termos gerais, como se sabe, os seres vivos (com exceção dos vegetais, pois estes não têm neurônios) guardam a sua herança biológica evolucionária e respondem à regulação da vida por intermédio dos processos de metabolismo e de homeostase.

O cérebro é um conjunto de sistemas. A função dele é produzir a mente a partir do corpo. Como se produz a mente? Como ela é tornada consciente?

O cérebro e o corpo devem ser compreendidos como uma unidade funcional, como um modo de ser unificado, único, uma forma de vida que, além da sua constituição física mensurável, também produz *energia* (conteúdo mental) como uma potência de difícil mensuração.

Não somente o homem, mas qualquer ser vivo com cérebro produz o que se designa mente, partindo de informações advindas do tronco cerebral como manifestação da “senciência”¹³ relativa à captação de fenômenos primordiais oriundos tanto do meio interno quanto do externo.

Nessa perspectiva, a mente é uma função, uma atividade dos neurônios; porém, tratando-se mais do que uma simples inter-relação entre o cérebro e o corpo, pois resulta de uma complexa e completa integração de múltiplos sistemas.

Nesse contexto, a interpretação de António Damásio, desde os primeiros escritos, ao mesmo tempo em que aponta o “erro de Descartes”, situa Espinosa como um predecessor das neurociências contemporâneas.

¹² Cf. O texto didático 2: *Qual o valor da vida? Resposta moral: a relação entre a política e a forma de vida contemporânea*.

¹³ O efeito do sentir anterior ou independente do processo de “consciência”.

No seu último texto publicado no Brasil¹⁴, ele afirma: “O entranhado dualismo que começou em Atenas, teve Descartes como avô, (...) é uma posição cujo tempo já passou. Precisamos agora de uma nova posição que seja biologicamente integrada”.

Um questionamento prioritário deve ser posto agora: como se produz esta nova interpretação de natureza do homem “biologicamente integrada”?

A construção conceitual se pauta, inicialmente, na obra de Charles Darwin (1809-1882) sobre a teoria da evolução explicando a vida e a diversidade na Terra por intermédio da seleção natural.

Assim sendo, a mente é um processo, um mecanismo de regulação, de eficiência e de evolução da vida.

Em síntese, a *mente é o registro daquilo que o corpo sente* advindo do seu próprio interior ou do ambiente externo.

O processo de sensação disso que se sente é transformado em cartografia de imagens (visuais, auditivas, táteis, viscerais etc.) e traduzido em áreas do sistema nervoso central.

O ser vivo interpreta tais mapas ou registros com o propósito de responder com mais eficácia às demandas da existência da vida.

De acordo com Damásio, “A mente surge quando a atividade de pequenos circuitos [neurais] organiza-se em grandes redes de modo a compor padrões momentâneos. Os padrões representam objetos [entes]¹⁵ e fenômenos situados fora do cérebro, no corpo ou no mundo exterior, mas alguns padrões também representam o processamento cerebral de outros padrões. O termo “mapa” aplica-se a todos esses padrões representativos, (...). Em suma, o cérebro mapeia o mundo ao redor e mapeia seu próprio funcionamento”¹⁶.

Em outras palavras, a cartografia ou os mapas são as vivências do organismo decodificadas da captura oriunda dos diversos órgãos dos sentidos como imagens que não são somente visuais, mas também auditivas, táteis, viscerais etc.

A imagem é a representação do contexto tanto das propriedades físicas dos entes externos como da dimensão interior ou subjetiva em suas relações de tempo, espaço e movimento.

A mente é a interpretação da cartografia capturada como uma combinação de imagens. Para o ser humano, tais imagens estão ancoradas no tempo (passado, presente, futuro).

Como se faz a “leitura” dos mapas?

Essa “leitura” ou interpretação tem origem no desenvolvimento do painel de imagens em movimento que exige *algo* para ser o condutor do processo.

Este *algo* se denomina de self.

A nossa intenção é interpretá-lo congeminando e integrando a linguagem filosófica e a linguagem neurobiológica, pois o nosso saber almeja ultrapassar as dicotomias fixadas pela cultura ocidental entre o ser e o viver, a mente e o corpo, a ética e a técnica etc.

O que é o self?

Iniciando pela interpretação da filosofia, destacando trechos da obra clássica de Charles Taylor¹⁷, ex-professor da cadeira de Filosofia Moral em Oxford, Inglaterra.

Uma resposta imediata, objetiva, de senso comum indica o *si*, o próprio, o mesmo. Na linguagem prosaica, os termos self, pessoa, ego se equivalem. Entretanto, isso não é verdadeiro para a filosofia.

¹⁴ Cf. DAMÁSIO, AR. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 274.

¹⁵ O termo “ente” oriundo da filosofia grega clássica tem melhor sentido didático do que étimo “objeto” nomeado pelo racionalismo da Modernidade.

¹⁶ Cf. DAMÁSIO, A. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 32.

¹⁷ Cf. TAYLOR, C. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

O self caracteriza a identidade do ser humano capaz de consciência reflexiva.

Entretanto, o self não pode ser concebido como um objeto, pois “ser um self é uma questão de como as coisas importam para nós”¹⁸.

Não somos um self da mesma maneira como somos um organismo, nem temos um self tal como temos um coração, uma bexiga, um fígado ou qualquer outro órgão.

Só se é um self interagindo e constituindo um conjunto com outros *se/ves*, por isso o self nunca pode ser descrito sem a referência daqueles que o cercam.

A gênese dele é social: só existe um self no âmbito das redes de interlocução.

Uma condição para se tornar um ser humano é possuir um nome porque é necessário que o indivíduo seja “chamado”, que a palavra seja dirigida a ele, pois esta é a exigência do desenvolvimento de uma identidade humana.

Somos um self na medida em que nos movemos em busca de valores para a nossa orientação em um espaço de indagações.

Então, cabe questionar: quais são os meus referenciais? O que interessa a mim para alcançar o meu destino?

O valor de uma vida é a referência de significado e de sentido de uma busca. Certamente, o alvo ou os múltiplos bens que se aspira assumem diferentes formas.

“Uma forma de vida pode ser vista como mais plena, outra maneira de sentir e de agir pode ser julgada mais pura, um modo de sentir ou viver como mais profundo, um estilo de vida como mais digno de admiração, uma dada exigência como sendo uma afirmação absoluta em oposição a outras meramente relativas etc.”¹⁹.

Como na cultura contemporânea a nossa experiência de si está solapada, quase desaparecida, é necessário novas linguagens de ressonância individual para resgatar bens humanos cruciais.

Contudo, como já nos advertira Aristóteles, há mais de dois mil e quatrocentos anos, a prudência deve nos aconselhar a reduzir o nível de nossas esperanças e circunscrever o nosso ideal.

Em linguagem de neurociências, interpreta-se o self como um processo que, embora identificado isoladamente; para o ser humano é um todo articulado e, sobretudo, inseparável: *protosself*, *self central* e *self autobiográfico*.

A esse processo são imputadas tarefas diversas; mas, em síntese, é a expressão de um movimento integrativo constituído por vários entes: *cérebro-corpo-mente-energia-memória-consciência*.

Aqui ele será compreendido como um processo que se configura em três etapas integradas: como o agente regulatório do valor biológico do organismo vivo, como o agente modulador efetivo das ações de movimento e, sobretudo, o narrador da sua própria história de vida.

A análise neurobiológica evolutiva se desdobra em duas fases de interpretação a partir de perspectivas distintas, porém articuladas e congeminadas: a “dinâmica” e a “perceptiva”.

A primeira se denomina “dinâmica” e atua nas respostas primárias do processo regulatório da vida em demandas básicas como o equilíbrio de temperatura entre o meio interno e o externo, a ingestão de nutrientes básicos para manutenção da vida e outros.

A segunda fase ocorre quando um animal vivo agrega a “percepção”. Por intermédio dela, é possível se experienciar o mundo exterior (aquilo que se vê, o que se ouve, o que se percebe do toque etc.) e o próprio mundo interior (o sentimento de que aquilo pertence a mim, aqui eclode o “eu”).

¹⁸ Cf. TAYLOR, C. *Idem*, p. 52.

¹⁹ Cf. TAYLOR, C. *Idem*, p. 35.

A relevância de compreender as duas fases implica distinguir dimensões de valor significativo para existência do ser vivo: o sentir não é conhecer ou saber, mas os antecede, seguindo articulados e entrelaçados no processo do self com a evolução²⁰.

Para a pesquisa neurocientífica, o self significa a função da Zona de Convergência-Divergência (ZCD), isto é, um sistema de neurônios onde estruturas consideradas como alças de sinalização se conectam.

Em outras palavras: um circuito de associação e dissociação integrado e simultâneo que captura e expressa o que se chama isoladamente de cérebro, corpo, mente, energia, self, memória, consciência; mas, cujo sentido não pode ser fragmentado.

O self é um processo inerente ao sistema nervoso, uma organização funcional dos seres vivos, um processo constituído de três estágios integrados e articulados que, para o ser humano, melhor seria hifenizá-los: protosself-self central-self autobiográfico.

O protosself ou self primordial é a simples expressão das informações contidas nos seus mapas.

Em algum momento da evolução, a operação realizada pelo self primordial tornou-se melhor elaborada devido à conjugação de outro fator significativo: o acesso ao registro de experiências anteriores armazenadas em vários e distintos locais do sistema nervoso e do corpo. Isto se chama memória.

Assim, a partir da memória surge o self central cuja função é ampliar e sofisticar a articulação realizada pelos procedimentos elementares do protosself.

O self central é um passo adiante na biologia evolucionária. Trata-se da etapa que se estabelece a consciência e a sua efetiva atuação se chama subjetividade produto da linguagem.

Registro breve, porém relevante: não se pode olvidar que a palavra mente abrange também o inconsciente, isto é, aquilo não registrado na consciência.

Por último, na escala de humanização da mente surgiu o self autobiográfico que se caracteriza por memória, linguagem e consciência.

A origem dele se detecta há cerca de vinte mil anos nas expressões de figuras narrativas e sinais abstratos, isto é, símbolos culturais encontrados em regiões distintas do mundo como em França na Caverna de Lascaux e no Brasil na gruta da Serra de Capivara no Piauí.

O self autobiográfico possibilitou a compreensão do drama da existência humana, pois por intermédio dele o homem obteve a capacidade de problematizar sobre o seu próprio eu, de onde veio e que destino terá.

Ele é o responsável pela inteligibilidade das atitudes relativas à moral (os hábitos, os costumes, as leis, os códigos da sociedade etc.), à política (o bem-estar da coletividade etc.), à ciência (o conhecimento aplicado para benefício da humanidade etc.), à metafísica (a crença em uma realidade pós-morte etc.).

A consciência eclode a partir do processo do self, sendo o estado mental da percepção que gera a capacidade que nos possibilita sentir, saber, conhecer e compreender a existência do mundo circundante e a nossa própria experiência de vida.

Daqui se pode inferir que o conjunto (cérebro-corpo-mente-energia-self-memória-consciência) expressa uma diversidade (o externo) e, ao mesmo tempo, uma unidade (o interno).

O verbo reservado para se apropriar desse processo evolutivo será o compreender. Advertindo que esta compreensão será sempre parcial, pois o ser humano não pode apreender o todo.

Sumarizando, uma “senciência” possibilita ao vivente ter conhecimento tanto da condição ambiental quanto dos seus próprios estados internos, isto é, o protosself.

²⁰ Trata-se da “hipótese do marcador somático” de António Damásio.

A “percepção” permite a experiência daquelas diferentes condições e estados na primeira pessoa, o eu; ou seja, o self central.

A “capacidade” do uso da linguagem propicia ao ser humano o atributo do self autobiográfico.

O desafio do ser humano para o século XXI é ultrapassar a experiência do self autobiográfico produzindo uma “consciência expansiva”.

Como se produz tal experiência?

A resposta é precisa: resgatando o que nos torna humanos, em outras palavras, a experiência que constitui o ser do homem: a *linguagem*.

Seguindo adiante na pesquisa, se esboça um paralelo de articulação entre a “subjetividade” grega matriz da cultura ocidental e a nossa subjetividade contemporânea.

O processo do self conduz a história da evolução natural interpretando e narrando o processo em que o vivente vive, relacionando-se consigo mesmo o tempo todo. Tal movimento de condução é a subjetividade.

A “alma” de Platão, a “*res cogitans*” de Descartes, o “Eu” como pura função transcendental em Kant ou a “consciência doadora de sentido” em Husserl são exemplos da narrativa tradicional do pensamento filosófico interpretando e concebendo o self como um conceito elaborado a partir da referência de fundamento, de essência, de substância ou de acesso à verdade.

Qual o uso do self na contemporaneidade?

Para nós, o valor do uso contemporâneo do self é oriundo da interpretação originária advinda do conceito de *Ethos* de Heráclito (a ultrapassagem do *daímon*), que se vai transformando, ao longo da cultura ocidental, até a sua determinação atual imposta pelo contexto da Modernidade no conceito de sujeito, cuja principal função é conhecer, sobretudo, o mundo exterior.

Ao se considerar o self como o *si*, este é o mesmo “si” explorado na investigação de Sócrates, registro indelével da cultura ocidental?

O si socrático foi estudado magistralmente por Michel Foucault²¹, que desvelou o conceito grego de “cuidado de si” (*epiméleia heautou*), esclarecendo a sua relação com a interpretação atribuída a Sócrates do “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seauton*) do templo de Apolo em Delfos.

O sintagma a ser compreendido é *cuidar de si* ou *ocupar-se consigo*.

Então, o primeiro passo é esclarecer o que é o si ou o consigo. Óbvio, trata-se de um pronome; portanto, uma partícula que substitui um nome, cuja característica se destaca pela ação de flexionar, de desdobrar-se em outro estado ou caso, na língua grega ou latina, chama-se declinação (queda, caída).

É necessário destacar que o si socrático remete ao sentido da expressão grega *autò tò autó* (o próprio para o próprio, o mesmo para o mesmo) com o significado de um elemento idêntico presente tanto no ser (para o homem) como no ente (para coisas) no sentido de sua própria essência.

O si a que se refere Sócrates seria o eu ético (na linguagem de Foucault) ou o *Ethos* (para nós).

Como corolário, é implicada a distinção entre o si do conhecimento cognitivo, o autoconhecimento (também denominado de “sujeito moral”) e o *Ethos*.

A crítica desdobrada da análise foucaultiana compreende o sujeito moral como um ser dividido, separado, seccionado por um ato de conhecer pretensamente destinado a desvendar a si mesmo como um “objeto de conhecimento” que, mesmo característico das “ciências humanas”, também se encontra em outros campos como psiquiatria ou psicanálise.

Tais “ciências”, autoritariamente, fixam a partir da objetivação científica a identidade do indivíduo, regulando a sua existência e determinando se ela é ou não “normal”.

²¹ Cf. FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

O *Ethos* ou o eu ético não está fraturado pela arrogância do fundamento do conhecimento científico; mas, apenas se encontra “defasado”. Nas palavras de Frédéric Gros: “Defasado em relação a si mesmo, na medida em que entre si e si, ele traça a fina distância de uma obra a realizar: obra de vida”²².

Tal oposição entre o sujeito moral e o *Ethos* poderá ser expressa na linguagem por intermédio de duas interrogações atinentes à produção do processo da subjetividade ou subjetivação: “Quem sou eu?” ou “O que estou fazendo da minha vida?”.

Para Foucault, o dispositivo institucional instaurado pela Igreja Católica Romana com a fundação dos primeiros mosteiros, capturou a filosofia helenística referente à “subjetividade grega” e submetendo-a ao seu interesse, foi o responsável pelo sentido adquirido na pergunta “Quem é você?” que se desdobrou historicamente no “Quem sou eu?”.

Resumindo, aquele/a que se questiona sobre o que é, o faz, a princípio, induzido/a por um questionamento de outrem – “quem é você?”. Aqui se instalou o confessor, aquele que conduzirá a “consciência” do crente em busca da verdade, da salvação etc.

Assim, o problema raiz, originário do valor da produção subjetiva é o “quem é você?”²³ que já impõe preconceitos: a dependência de uma verdade a partir de outrem ou de Outro e a renúncia a si mesmo (do seu corpo, do seu sentir etc.).

Como crítico dos valores morais da sua cultura, Sócrates jamais faria tal questionamento.

De fato, o que ele problematizou (em distintos textos platônicos) para interlocutores diferentes foi: “O que você está fazendo da sua vida?”.

Antes de Michel Foucault, em outro contexto de pesquisa filosófica, Hannah Arendt (1906-1975), uma das mais brilhantes filósofas do século XX, alemã de nascimento, porém radicada nos EUA para fugir do nazismo, fez uma análise perspicaz, sutil dessa temática, distinguindo duas questões a partir da leitura do livro *Confissões* de Santo Agostinho (354 – 430), filósofo e teólogo da Igreja Católica.

Ela escreveu: “Agostinho (...) estabelece uma diferença entre as perguntas “Quem sou?” e “O que sou?”: a primeira é feita pelo homem a si próprio (“E dirigi-me a mim mesmo e disse-me: Tu, quem és tu? E respondi: Um homem” – *tu, quis es?*), e a segunda é dirigida a Deus (“O que sou então, meu Deus? Qual é a minha natureza?” – *Quid ergo sum, Deus meus? Quae natura sum?*)²⁴.

Para Arendt, apesar de Agostinho colocar o problema sobre a natureza humana muito bem, a sua resposta é “como pular sobre nossa própria sombra”: um paradoxo insolúvel.

Contudo, a filósofa se desafiou a ampliar a interpretação agostiniana.

Para ela, a determinação da natureza do *que sou* faz uma exigência: estabelecer o designado e o definido deste *quê* fora de si mesmo, ou seja, se estabelece o *outro*, aquele a quem pertence a autoridade para ditar ambas condições (a designação e a definição).

Para nós, nesse contexto ou experiência de vida se instaura a dimensão da deidade, da alienação, da causa que torna a subjetividade humana um objeto, estabelecendo o assujeitamento, o encarceramento moral etc.

Por outro lado, a atitude desafiadora de produzir o seu próprio *quem* é o gesto que nos eleva acima das coerções vindas ao nosso encontro a partir do mundo e indica o valor da nossa relação com a liberdade.

Contudo, a questão não é explicar por um modelo de análise histórica o processo de subjetividade humana, mas compreender o processo do self como o si que permanece

²² Cf. GROS, F. *O cuidado de si em Michel Foucault*. In Figuras de Foucault. (org.) Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 135.

²³ Atenção para o questionamento falacioso do biopoder: “aprendiz de medicina, quem é você?”. Cf. O texto didático 9: *A forma de vida do/a estudante de medicina e o uso do jaleco: a captura de um desejo, a delusão e a resistência*.

²⁴ Cf. ARENDT, H. *A Condição Humana*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 18.

encarcerado nas definições, nas determinações contemporâneas e nos desafiam a produzir um novo paradigma de valor para o conceito de bioética relacionando vida e ética.

O primeiro movimento é compreender o liame entre os dois como uma relação de pertencimento.

Nas línguas que se declinam (exemplo: grego, latim, alemão etc.) a relação de pertencimento, de posse ou de origem é um caso gramatical chamado genitivo.

Na interpretação do campo filosófico grego clássico, o *Ethos* é um pertencimento à interioridade (genitivo subjetivo, percebido como ética ou o modo de ser) e o segundo *ethos* é um pertence da exterioridade (genitivo objetivo, interpretado como moral ou os costumes, os hábitos culturais).

Por intermédio dessa perspectiva, se compreende o viés da captura do *Ethos* pelos dispositivos institucionais da moral subserviente ao biopoder ao longo da história.

O “erro grego” de origem da tradição filosófica foi considerar as determinações de *Ethos* e *ethos* como consequência do *logos*, o “pensamento racional” que, com a autoridade do seu acesso à verdade, impôs os conceitos, as definições, os valores da cultura.

É necessário superar tal equívoco a partir da compreensão do valor intrínseco da normatividade vital e ter a ousadia de conceber a ética como integrante do caráter humano produzido pelo *self autobiográfico* como uma *experiência de si* ao viver a sua própria vida.

Em uma frase síntese: a ética é um pertencimento da vida que se vive.

Como a língua portuguesa atual “perdeu” as declinações, sendo as preposições de, do(s) e da(s) o correlato da expressão do genitivo; então, para se indicar que a dimensão ética é um pertence da vida, se estabelece a grafia hifenizada para jungir vida e ética, ou seja, para nós, bioética também se escreve como *ética-da-vida*.

O saber produzido na *ética-da-vida* elabora a formação do caráter, o modo de ser do indivíduo e a sua forma de vida como o próprio ato de viver a singularidade da potência vital ou biopotência, resgatando a origem do conceito de formação humana advindo do saber do *Ethos*.

Ora, esta biopotência, este *conatus*²⁵, esta energia, esta “força que perdura”, sendo uma intensidade da vida, exige outra designação distinta do termo *bíos* da tradição filosófica.

No contemporâneo, a compreensão ampliada de física quântica, a partir da teoria da relatividade de Einstein no início do século XX, capta a relação entre o tempo e a biologia de modo instigante.

Não mais se interpreta o tempo considerando-o como um ciclo de quatro estações, tempo circular ou cronológico, mas concebendo-o como uma forma pura, *espaço-tempo*²⁶.

O tempo é “inobservável”, “incomensurável”. Talvez, se possa interpretá-lo como um intervalo, uma força de vida, ou melhor, uma imanência, um instante ou uma *vida-tempo*.

Daqui eclodiu a ideia de ressignificar a palavra vida a partir da sua inseparabilidade relativa ao tempo, implicando outra denominação com novo sentido, ultrapassando o significado biológico da designação redutora, isto é, a corruptela *bio*.

Aión foi o termo escolhido, pois além de projetar uma nova perspectiva, ele também resgata um étimo arcaico da língua helênica que indicava uma percepção de tempo diferente do convencional *Chronos*.

A leitura de vida como *aión* possibilita um novo valor atribuído ao conceito de forma de vida porque agora a forma não é o modelo estático do Bem como o *bíos* de Platão, mas uma permanente transformação de si, um devir, uma *invenção de si*.

Assim sendo, para nós, o saber contemporâneo que relaciona ética à vida por intermédio de parâmetros que ultrapassam a tradição será denominado de *ética-da-vida* ou de *aionética*.

²⁵ *Conatus* é um conceito de Espinosa caracterizando uma força que perdura no vivente.

²⁶ Cf. FEYNMAN, R. *Física em 12 lições: fáceis e não tão fáceis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

Ética-da-vida ou *aionética* é o novo eixo de interpretação da bioética que será elaborado e produzido pelo Módulo de *Bioética e Cidadania* da Faculdade de Medicina da UFC.

Trata-se de um saber ético relativo à dimensão do *Ethos* produzindo outra forma de vida para o século XXI e, coerentemente, também se hifenizará como *forma-de-vida*.

V Considerações finais

O século XXI exige uma nova *paidéia*, uma formação humana para a vida na “diferença” e não mais na identidade do “eu”.

A *ética-da-vida* ou *aionética* é o saber ético que tem o intuito de oportunizá-la almejando alcançar a relação entre vida humana e ética como uma sabedoria de vida.

A ortodoxia do pensamento moral produz conforto, resignação com a própria forma de ser, passividade relativa ao amoldamento, ao engessamento da vida decorrente das regras institucionais, da normatização cultural ou das imposições do sistema econômico-social porque é um modelo prévio já estruturado, pronto, completo.

O novo conceito de bioética como *ética-da-vida* ou *aionética* interpreta o valor da vida como um acontecimento da própria experiência vital que torna a ética um pertence literalmente “incorporado”, possibilitando ao ser humano uma natureza diferente como *forma-de-vida*.

Aionética é um saber com a dimensão de sabedoria. Em latim, sabedoria é *sapientia* e provém do verbo *sapere* em que se congemina dois significados: o de saber (“saber” em geral) e o de saber o sabor (“saber” a sensação do paladar)²⁷.

De *sapere* vem *sapio*, a sensação do sabor que antecede o saber. Aquilo que se degusta ou se experimenta, como uma prova antes de conhecer; portanto, trata-se de sentir algo prévio à aquisição do saber.

Esta é uma lição relevante, pois aqui se ultrapassa a dissociação entre o conhecer e o sentir.

Concluindo, *ética-da-vida* ou *aionética* é um saber de formação humana para a vida contemporânea compromissada com a última das “três transformações do *Zaratustra*” de Nietzsche, isto é, o “*tornar-se criança*” e se posiciona com uma proposta de ensino que nos desafia a problematizar e a experimentar um novo exercício tendo a vida como referência de aprendizagem ética com a perspectiva de produzir liberdade: o PensArteCorpo²⁸.

O filósofo Immanuel Kant (1724-1804), crítico do período em que vivia, propôs para a sua época o lema *Sapere aude* (Ouse saber) para adquirir o princípio da autonomia que o conhecimento traria para alavancar a dignidade do ser humano.

O nosso desafio atualmente exige ir além.

Para isso, se mantém a crítica de Friedrich Nietzsche e a sequência do seu pensamento na vivência do contemporâneo.

Para ele, o indivíduo nasce com a linguagem em decorrência da vida em sociedade, gregária, familiar. O ser humano é produto do sentido internalizado da linguagem operado pelos dispositivos da cultura.

Tal mecanismo determina a definição de consciência como “uma grade interpretativa que traduz a vida para um universo específico de conceitos e valores e se tornou a instância moral por excelência”²⁹.

A consciência é um sistema de simplificação possuidor de duas capacidades: a memória e o esquecimento.

²⁷ Cf. ALVES, R. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

²⁸ Cf. O texto didático 5: *PensArteCorpo: o exercício da Ética-da-vida ou Aionética*.

²⁹ MOSÉ, V. *A espécie que sabe: do Homo sapiens à crise da razão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 46.

A memória torna possível a promessa, a responsabilidade e a culpa. Mas, o esquecimento possibilita a saúde.

Para finalizar, uma advertência nietzschiana: “Ninguém poderá construir em teu lugar as pontes que precisarás passar para atravessar o rio da vida, ninguém exceto tu, somente tu. Existem, por certo, inúmeras verdades, e pontes, e semideuses que se oferecerão para levar-te para o outro lado do rio; mas isso te custaria integralmente, tu te hipotecarias e te perderias. Existe no mundo um único caminho por onde só tu podes passar. Para onde leva? Não perguntes, segue-o”³⁰.

O poeta Manoel de Barros nos brindou em seus *Exercícios de ser criança* com uma imagem belíssima de viver que transcrevemos na epígrafe e finaliza com a frase: “Eu não morri porque o rio era inventado”.

Tal qual a figura poética nós poderemos ser um rio inventado.

Qual é o rio que nos faz viver? Como flui a corrente do seu rio inventado?

Uma corrente cujo fluxo se faz submisso às margens opressoras do biopoder ou aquela correnteza de Heráclito que se transforma continuamente para resistir e seguir resiliente o seu próprio itinerário de cuidado consigo, com os outros, com a vida no seu próprio ritmo, na sua singularidade, no seu modo de ser, no seu Ethos.

Ouse inventar a si mesmo!

³⁰ Cf. NIETZSCHE, F. *Consideração intempestiva – Schopenhauer educador*.